

TV

DI/ESPECIALCULOS

MARCHA DO MUNDO OU MARCHA O FLAMBO?

Inventário Musical foi uma vez a Palmela e gostou. Aquele grupo coral, não sei se estão recordados, estão com certeza, aquele grupo formado por influência do exemplo do grupo coral *Phydellius*, de Torres Novas, distrito de Santarém. E talvez porque o exemplo era positivo, não mereceu o *Phydellius* a honra, já não digo de aparecer nos *25 Milhões*, mas de ser mencionado. Coisas.

Esta segunda visita a Palmela foi dedicada à banda da Sociedade Filarmónica Humanitária. Bons tempos, ah, bons tempos em que o trombone e o clarinete se davam as mãos

no amor e no louvor do homem!

Tudo vai sendo cada vez mais outro. Os jovens não aparecem, não há aprendizes, não há renovação portanto. Logo, não haverá Banda. Muito simples. Não juventude, não futuro.

Porquê a malta nova não aparece? Cada um de nós tem a sua teoria. Tenho uma. Levava muito tempo a expô-la, além de que fica muito fora de mão.

Qual é a teoria dos homens de Palmela, pelo menos aquela que nos foi dado ouvir?

Diz um amigo: há solicitações, há divertimentos, há a televisão.

Nã. Divertimentos sempre os houve. Talvez mesmo mais do que hoje. A sério. Nos tempos de hoje a gente aborrece-se mortalmente. Televisão? Não me parece que a malta nova perca muito tempo com ela. Felizmente. A TV não pega.

Diz outro amigo *A rapaziada olha mais para a bola*. Hum... Lá está o pobre do futebol a pagar as favas. Não me consta que a malta nova jogue futebol à noite. Não, futebol não é culpado.

Deixemos isso. Para recordarmos apenas dois pormenores das entrevistas conduzidas por Francisco d'Orey. Primeiro, foi aquela recordação de um membro da banda: toca música 40 anos há. Começou aí com os seus doze. Dava serventia de pedreiro e naquele tempo todos os pedreiros sabiam música.

(Chega cá o ouvido, pá: eram pedreiros-livres!!!)

Outro pormenor: aquele outro



Por MARIO CASTRIM



uma referência às actividades culturais a que não deitam mão exactamente por falta de apoios convenientes, disse ele que a televisão tinha uma palavra a dizer, *podia incentivar as bandas, os teatros, os grupos corais espalhados por todo o País*.

Podia. Lá isso podia, meu caro. Você o que quer, não lhe está na massa do sangue... Sendo verdade que de vez em quando lá aparece um lamirezito, com sabor a heroísmo ou a carolice, género *Inventário Musical*.

Que Deus guarde por muitos anos e bons.

Digo isto pela muita confiança que tenho na actividade e na ciência de Francisco d'Orey nome não desconhecido para os telespectadores, de há uns anos para cá. «Que Deus guardasse» outra rubrica seria um voto que me levaria a pensar duas ou três vezes antes de levantar as mãos. Tal voto não o faria eu nunca à *Marcha do mundo*, ou *Mundo da marcha*, não estou bem ciente.

Não é rubrica: é equívoco. Um blafe. Um passatempo, como se o tempo não tivesse mais nada que fazer. Uma coisa que nada justifica.

Como devem estar lembrados, a rubrica de José Mensurado tinha como um processo

em proteínas...

Sem dúvida: O mundo vive de olhos postos, angustiado, na *Ponta do Diabo*. A salvação virá dos tubarões? Pois quê! Com que então os tubarões reabilitados?

Bem faz o *Telejornal* que tem problemas mais graves com que se preocupar.

Assistimos, por exemplo, a

uma desenvolvida reportagem da chegada de Cubillas ao Porto. Um grito saído do fundo de alma: *Cubillas chegou finalmente!*

Talassal Talassal! Cubillas está contente com as suas instalações e acha que não vai ter dificuldades.

Belo, belo. Hoje vou dormir mais repousado.

mas ou crises graves. Que há outros acontecimentos, menos quentes, mas não menos significativos da marcha do mundo...

Desculpas de mau pagador.

Marcha do mundo, pressupõe o andamento do mundo hoje, no terreno pisado pelos nossos pés de hoje. A crise do pitrol está muito longe de ser resolvida, mas Mensurado tem o problema geral das matérias-primas; o cerco dos povos sub aos povos super; a autogestão em efervescência por essa Europa; as relações do campo socialista e do campo capitalista; essa história do dólar e do equilíbrio cambial; o vírus de estimação capitalista que se chama inflação; o problema inglês, que não é nada uma consequência da falta de combustível; a questão da equitativa distribuição da riqueza social e da responsabilidade, etc., etc, etc.

Em vez disso, a Marcha do mundo dá-nos conta de uns edifícios já construídos e que se autoabatem de calor, enfim: uma questão de tecnologia. Depois disso, a vida de uma pequena comunidade no Uruguai, à beira do mar, que vive da pesca do tubarão, cuja carne se vende ao Japão pelo preço de 150 escudos — carne para mais considerada pobre